

Escolas malconservadas

Noéli Nobre
Da equipe do **Correio**

O lugar nem parece uma escola. Carteiras sem braço, portas sem maçaneta, paredes sujas e rabiscadas, pias entupidas, lama pelo chão, entulho na área livre, mato por todos os lados...Não é difícil encontrar esse quadro pelos colégios do Distrito Federal. No Centro de Ensino Médio 111 do Recanto das Emas, on-

de estudam 1,9 mil jovens, o silêncio das férias contrasta com a desordem do local. Na tentativa de melhorar a situação, até o vice-diretor da instituição, Altamiro Pavanelli, colocou a mão na massa. A reportagem do **Correio** encontrou-o ontem todo encharcado: ele desentupia as calhas que escoam a água da chuva. “A parte hidráulica, a parte elétrica, tudo apresenta defeito. Estamos com um banheiro ino-

perante e não podemos fazer nada por enquanto. Não há recurso financeiro. E as verbas que a gente junta, da venda de camisetas ou de livros, sempre são empregadas na troca de uma maçaneta”, contou Pavanelli. No Riacho Fundo II, cidade vizinha ao Recanto das Emas, o Centro de Ensino I também apresenta problemas. No banheiro feminino, uma das torneiras é diferente das outras. Quebrou e foi

trocada. O forro de PVC começou a desabar. “Na medida do possível, sempre que quebra alguma coisa, a diretora manda trocar com o dinheiro da Associação de Pais e Mestres”, informou a secretária da escola, Renise Souza. O prejuízo, no fim das contas é dos alunos. Uma escola feia e acabada rouba de qualquer criança ou jovem o prazer de estudar. “A boa conservação é uma questão de segurança, até para evitar

que as crianças se machuquem em um chão com falhas”, explica Maria Fernanda Cavaton, professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. E beleza, segundo ela, é fundamental, principalmente na periferia. “Nesses lugares, as crianças, muitas vezes, não moram em casas bonitas. Mas a escola deve ser alegre, porque é ali que o pai deposita todas as esperanças de um futuro melhor para o filho.”

Ricardo Borba



A DESORDEM IMPERA NO CENTRO DE ENSINO DO RECANTO DAS EMAS

R\$ 12 mi para reforma

Em dois anos, todas as 610 escolas públicas do Distrito Federal serão melhoradas, ampliadas, reformadas e, dependendo, até reconstruídas. Essa é a promessa do governador do DF, Joaquim Roriz, dada ontem na residência oficial em Águas Claras. As obras, diz Roriz, começam na segunda-feira e abrangem a construção de nove escolas, sendo cinco jardins de infância, três centros de ensino fundamental e uma escola classe. Entre as cidades contempladas, estão o Riacho Fundo, o Recanto das Emas e Santa Maria. Além disso, o pacote prevê a reforma de outras 19 escolas em diversos pontos do DF.

“O programa recebeu o nome *A Escola de Todos Nós*, porque o governo prioriza a área social e a escola é de toda a comunidade”, avisou a secretária de Educação, Fátima Guerra. No projeto, serão investidos R\$ 12 milhões provenientes das secretarias de Educação e de Obras.

“Não há escola que não tenha problema. Às vezes, é um vidro ou uma torneira quebrada, ou um forro faltando”, enumerou o governador Roriz. Quando não são problemas simples assim, é um banheiro inoperante, como o do Centro de Ensino Médio 111 do Recanto das Emas.

Apesar das reformas previstas pelo programa em todas as escolas do DF, a prioridade, segundo Guerra, será

o ensino infantil. Daí a construção de mais jardins de infância. “A infância é a base da estruturação da personalidade. Se a criança é trabalhada desde cedo, ela vai se desenvolver melhor”, explicou Fátima Guerra, especialista em educação infantil. “Uma escola mal-conservada é um ambiente onde a pessoa se sente mal.”

MANUTENÇÃO

Para Altamiro Pavanelli, vice-diretor do Centro de Ensino Médio 111, não basta, porém, reformar. Antes de tudo, é preciso conservar. “A questão não é fazer de uma vez, mas implantar uma manutenção sistemática”, reclamou. Como solução para o problema, ele sugeriu a criação de uma comissão permanente de conservação por parte do governo para percorrer sempre as escolas.

Na opinião de Elenildes Piedade, 19 anos, o que falta é um trabalho de conscientização dos alunos. Aluna do 3º ano da escola do Recanto das Emas, ela lembrou que, muitas vezes, os alunos quebram torneiras e portas de propósito. “Por maldade, eles desmontam as carteiras e explodem até bombinha de foguete dentro do colégio.” A reforma, segundo ela, só resolverá o problema se os alunos tomarem consciência de que não devem destruir o lugar onde estudam.

A repreensão na periferia é difícil, segundo o vice-diretor Pavanelli. Em uma cidade onde a pobreza é grande, e os índices de violência altos, é complicado trabalhar a paz dentro da escola. “A gente recebe aqui alunos que têm dois ou três assassinatos nas costas. E tratamos todos como iguais. Como é possível, então, cobrar disciplina de um jovem que quebra a carteira e rabisca a parede?”, questiona. Problemas à parte, a aluna Elenildes espera que tudo dê certo no fim da história. Ela está cansada de ter de limpar cadeira para poder se sentar. (NN)

BOAS E MÁS NOTAS

Em 2001, sindicalistas da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) divulgaram um grande estudo sobre a qualidade do ensino brasileiro. A primeira parte da pesquisa, denominada Retratos da Escola 2, versou justamente sobre a influência das condições materiais das escolas no desempenho dos alunos. O trabalho revelou que, nas escolas onde não há laboratórios de ciências, apenas 14% dos alunos tiram boas notas (entre 8 e 10). Já nas escolas onde há laboratórios, 57% dos alunos têm bom desempenho. Os colégios pagos se saíram melhor em todos os quesitos avaliados — condições de equipamentos de apoio didáticos (copiadoras, computadores etc); instalações auxiliares (laboratórios, auditórios); funcionamento das instalações (telhado, banheiros); e condições das instalações (quadro negro, carteiras).